

Aspectos tanáticos no Conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: retratos da violência

Magda Medianeira de Mello¹

RESUMO: O presente artigo teórico tem por objetivo percorrer alguns aspectos tanáticos no que se refere à crueldade aos escravos considerando o conto machadiano Pai Contra Mãe. Buscou-se retratar a violência em uma parte da história do Brasil, a saber entre o século XIX e XX e demarcar os efeitos psíquicos inconscientes da escravidão e do traumático vivenciado pelos negros e impresso como verdade legalizada na época. Cabe questionar até que ponto a destrutividade como traumático perdura como crueldade na atualidade.

Palavras-chave: Tanático; violência; destrutividade; traumático.

ABSTRACT: This theoretical article aims to explain some aspects of Thanatos regarding the cruelty against slaves considering the short story “Father Against Mother”, from Machado de Assis. It was attempted to show the violence in a part of the history of Brazil, between the nineteenth and twentieth century and demarcate the unconscious psychic effects of slavery and traumatic experiences by black people, which was a legalized fact at the time. It is questionable to what extent the destructiveness as a traumatic experience endures as cruelty today.

Key-words: Thanatos, violence; destructiveness; traumatic.

Introdução

Este trabalho intitulado “Aspectos tanáticos no conto Pai Contra Mãe de Machado de Assis: Retratos da Violência” visa abordar os aspectos mortíferos e de crueldade em relação ao tema da escravidão no Brasil. Também buscou-se analisar os efeitos psíquicos desses aspectos históricos em contraponto com a contemporaneidade, mais especificamente no personagem Cândido Neves, um caçador de escravos. A obra machadiana retrata a cultura brasileira do século XIX; por outro lado, pode ser universal, conferindo atualidade aos temas vigentes. A obra machadiana tem se revelado um verdadeiro instrumento histórico para o Brasil e enfoca aspectos universais das dores humanas em amplo sentido e ramos da ciência.

¹ Doutora em psicologia pela UAM. Psicanalista e professora da Faculdade da Serra Gaúcha (FSG), no Rio Grande do Sul.

A escrita deste artigo buscou contemplar o tema da crueldade e revelar, ao mesmo tempo, o resultado de investigações em noções freudianas na obra de Machado de Assis, devidamente comprovadas através de pesquisa.

O curioso é que Machado de Assis escreve sobre o enigmático inconsciente sem ter entrado em contato com a teoria de Freud. Suas obras começaram a ser escritas antes do surgimento da Psicanálise e das constatações freudianas sobre o referido tema. Machado de Assis e Freud eram contemporâneos apenas no final da vida do primeiro. O que acontece é que autores literários de períodos aproximados de todo o mundo delineavam em suas obras a grande descoberta de Freud e sua revelação máxima: o inconsciente. Em busca de explicações para o sofrimento humano, Freud nomeou e aprofundou estudos científicos. Enquanto isso, os autores da literatura expressavam com sabedoria de alma e observavam com inteligência e sensibilidade os rumos universais os quais tomava a humanidade. As obras literárias foram interesse de Freud em toda sua trajetória de escrita e descoberta da psicanálise. A obra de ficção apresenta personagens criados que iluminam uma fidedigna leitura de aspectos históricos, sociais e culturais, bem como de aspectos psicológicos inconscientes subjacentes. Em Machado de Assis temas da sexualidade; feminilidade; paternidade; parricídio, maternidade e estruturas psíquicas são contemplados desta forma, inseridos no contexto histórico da época, entre a passagem do século XIX e XX, bem como entre o Império e a República, momentos em que a escravidão estava presente como verdade entre muitos brasileiros.

Aqui, abordaremos o tema mortífero relativo à escravidão no Brasil, uma violência instituída na época. Entendemos que o manifesto do conto é portador de enigmas possíveis a serem percorridos em estudos de variadas facetas. No entanto, ficaremos detidos nas facetas dos efeitos da crueldade. A humilhante situação da escravidão e os conflitos relativos ao senhor escravo acionam gritos que culminam com a República. O cenário machadiano neste conto mostra-se rico nos detalhes da transição política e da real situação dos negros escravos.

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. [...] Um deles o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também uma máscara de folha-de-flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados

extintos, a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca a máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel (ASSIS, 1997, p.659).

Psicanaliticamente, pensa-se que a energia desligada, sem representações, trabalha silenciosamente a favor da destruição e se manifesta como compulsão à repetição- é efeito da pulsão de morte. Em literatura, as forças de Eros e Tanathos estão presentes na criação de cenários, dos personagens, das imagens, dos enredos e das palavras.

Faz-se necessário enfatizar a atualidade dos escritos do autor e correlacionar aspectos históricos trazidos no conto machadiano à compulsão à repetição no cenário nacional brasileiro, no qual estão presentes, ainda, de forma parcialmente velada, as torturas, a humilhação e a submissão do outro aos senhores do poder.

1. Pai contra mãe – retratos da violência e facetas da destrutividade

Em Machado de Assis, Eros e Tanathos, vida e morte são jogos permanentes nos enredos. Eros, energia ligada relativa à pulsão de vida, e Tanathos, energia desligada relativa à pulsão de morte, são concepções da obra freudiana presentes no referido conto. No conto *Pai contra mãe*, a morte prepondera sobre a vida, energia mortífera, sem representações, que trabalha silenciosamente a favor da destruição.

Em *Pulsiones y destinos de pulsión* (1915-1992), Freud menciona que a força das pulsões retrata a forma como a libido irá transcorrer a partir do que ficou fixado no inconsciente, mais especificamente no psiquismo. Freud descreve a pulsão classicamente conhecida a partir de quatro destinos: o retorno ao contrário, a volta contra a própria pessoa, a repressão e a sublimação. Essa foi sua primeira concepção da teoria das pulsões. Mas em *Más allá del principio del placer* (1920-1992), Freud introduz a noção de pulsão de morte, que permanecerá circulando até o final de sua obra. Em *El yo y el ello* (1923-1992), fica mais claro o suporte metapsicológico que embasa a teoria psicanalítica das pulsões. Assim, torna mais nítida sua construção e afirma que a pulsão de vida está ligada às pulsões sexuais, mais especificamente a Eros. Não só compreende a pulsão sexual não inibida, genuína e moções pulsionais sublimadas e de meta inibida, como também as pulsões de autoconservação como

energias ligadoras (FREUD, 1923-1992). As pulsões de morte se encarregam de conduzir ao ser vivo o estado orgânico inerte, ao passo que Eros persegue a meta da vida. Ambas as pulsões estão dentro dos seres humanos durante toda a vida. A pulsão de morte caracteriza-se pela desagregação da vida em seu extremo, uma destruição a exemplo do sadismo. Vejamos um fragmento do conto, no momento em que Cândido Neves captura uma escrava fugitiva que estava grávida:

Chegou, enfim, arrastada, desesperada, arquejando. Ainda ali ajoelhou-se, mas em vão. O senhor estava em casa, acudiu ao clamado e ao rumor.
- Aqui está a fujona, disse Cândido Neves
- É ela mesma.
- Meu senhor!
- Anda, entra.
Arminda caiu no corredor [...] No chão, onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou (ASSIS, 1997, p. 667).

Para Freud, a pulsão de morte se inscreve no dualismo que se contrapõe à pulsão de vida. A pulsão de morte está ligada à agressividade, a preponderância do ódio sobre o amor, à destruição das coisas, de si mesmo e dos demais. O ato de descarregar num escravo o sadismo remete ao primitivismo psíquico, que não construiu uma rede simbólica de representações e palavras. Os efeitos da crueldade são devastadores ao sujeito. Estaria a sociedade brasileira da época voltada ao tema mortífero da destrutividade dos sujeitos?

É oportuno ressaltar que, no conto, a pulsão de destruição é separada do sadismo, está no registro da compulsão de repetição e tem por objetivo a descarga. Já o sadismo está no campo da sexualidade e tem como meta danificar o objeto (CONTE, 2002). Então nossa personagem parece mais inscrito no campo da destrutividade, já que, pelo que vai se passando no conto, ele não busca satisfação em maltratar o objeto, mas utiliza o ataque como forma de sobrevivência sem qualquer possibilidade de pensamento, de representação simbólica. Vai de passagem ao ato, a uma descarga da excitação psíquica, como quando arrasta, bate, machuca a personagem com o fim de obter recompensa financeira.

Sentimentos como amor e ódio, vida e morte, o bem e o mal são inerentes aos seres humanos e presentes de forma constante no cotidiano da humanidade, independentemente da cultura em que estejam inseridos. Essa dualidade de pensamento - entre vida e morte, por exemplo, estão muito bem representados na mitologia por Eros e Tântatos.

2. A Violência como consequência do passado: destruição e desamparo na contemporaneidade

Baseados na teoria pulsional freudiana, no sadismo e no masoquismo, vida e morte nos remetem aos dias atuais. Essa é uma discussão que nos permite refletir sobre as falhas nas representações psíquicas, que se manifestam na atualidade como o novo mal-estar, se evidenciando no corpo e em ato. Segundo Green (2008), se há um paradigma essencial na psicanálise, pode-se afirmar que são as representações psíquicas, que este define de três modos:

[...] o representante psíquico da pulsão, o mais próximo do corpo; o representante ideativo, representação sob a forma do traço mnemônico de um objeto situado no exterior da psique; a representação da palavra, sistema constituído por derivações unindo concreta e abstratamente, ao mesmo tempo, o sujeito, o objeto e o referente (GREEN, 2008, p. 160).

Poderíamos dizer que o tema central das representações psíquicas, para a psicanálise freudiana, está ligado a dois processos básicos: o da representação de coisa, formado por traços mnemônicos, e o da representação de palavra, composto por elementos de linguagem. É na junção dessas representações que se produz, em situação normal, a consciência dos fatos psíquicos, nomeando as emoções.

A atualidade tem demonstrado essa dificuldade em nomear as emoções, evidenciando-as no corpo e no ato, como uma proliferação do somático no sujeito. Podemos citar as depressões e o pânico, as compulsões, o stress, a violência, entre outras possibilidades, conforme nos coloca Birman (2003, p. 1): “Assim, no cotidiano as pessoas se apresentam cada vez mais com queixas difusas localizadas sempre no corpo, que vão desde dores, diversas e inespecíficas, até sensações de completo esgotamento”.

Tal como no século passado, realidade retratada no conto machadiano, vemos as pessoas em situação de desamparo decorrente dos desdobramentos da dor psíquica imposta pela sociedade. Assim, de acordo com Laplanche y Pontalis (1992), a compulsão à repetição se refere ao processo de origem inconsciente no qual o indivíduo está inserido ativamente em

situações penosas repetindo experiências antigas sem recordar-se do protótipo e tendo, pelo contrário, a impressão muito viva de algo motivado pela atualidade.

Retornando a Freud (1920-1992) para fundamentar nosso pensamento das falhas nas representações em *Más allá del principio del placer*, desde o ponto de vista econômico, prazer e desprazer psíquicos se encontram ligados a uma quantidade de excitação presente na vida anímica. Assim, o desprazer corresponde a um incremento da quantidade de excitação e o prazer à redução dela. Os fenômenos de compulsão à repetição estão presentes nos sintomas, em rituais obsessivos, por exemplo, e no próprio modo de agir das pessoas, na forma de como repetem as situações de vida, ou seja, nas mais distintas produções psíquicas. A repetição ocorre compulsivamente, sem repouso, até a libertação. A resolução seria encontrar um caminho simbólico e de ligações dentro do psiquismo. Solucionar seria poder pensar sobre as questões, interpondo recordações da vida passada com a atual.

A compulsão à repetição está diretamente ligada à pulsão de morte – Tanathos, que vem à superfície do aparelho psíquico de forma desligada, mostrando maneiras se postas em ato. O aparente padecimento psíquico traz consigo, na compulsão à repetição, segundo Freud, a realização de desejo. Assim, em *Más allá del principio del placer*, Freud assevera que desprazer para um sistema psíquico é prazer para outro. A tendência à repetição opera a serviço do ego, tentando abreviar de modo fracionado tensões excessivas.

No conto de Machado de Assis, a crueldade está presente com legitimidade e convicção. O desamparo da escrava Arminda remete a um desamparo comum nos nossos dias. A tirania que se impõe como dona da vida e da morte e dos corpos humanos atravessa o tempo e obstrui a imaginação. A realidade social impregnada por silêncios revela-se do sintoma à fratura psíquica, em outras palavras, do retorno do recaiado à ruptura do psiquismo. Dessa forma, passado, futuro e presente estão comprometidos. A capacidade simbólica e representacional precisa de testemunho, ou seja, de escuta do outro. Como Arminda poderia ressignificar o trauma se não pelo reposicionamento frente à história? Como amenizar as inseguranças e os fantasmas se não através do discurso, do depoimento, da fala e, principalmente, pela possibilidade de ser alguém? É preciso fazer circular a palavra carregada de dor na busca de respostas e simbolizações. Há situações, no entanto, em que o trauma,

devido à sua intensidade, torna-se intraduzível. Como diz Bárbara Conte (2013) “o tempo congela e a cena que faz sofrer é a que se impõe e se repete” (p.108).

De acordo com Freud (1920-1992) o traumático é uma grande soma de excitação que impede a circulação psíquica. O excesso permanece como forma de angústia, necessitando ser descarregada na ação/no corpo (somatização), indicando que o processo de elaboração encontra-se paralisado. Quanto mais insuportável para o psiquismo a realidade objetiva, mais a pessoa se afasta dela, desmentindo o ocorrido. Para a psicanálise, chamamos de desmentida ou de recusa da realidade a forma de defesa na qual o sujeito se defende e se recusa a reconhecer a realidade de uma situação traumatizante. Havendo um excesso de excitação psíquica – trauma – e recusa da percepção traumatizante, dizemos que o processo de elaboração psíquica está impedido e que o princípio de realidade está fraturado.

As produções do inconsciente recolocam o sujeito em contato com a cena traumática, realizando descargas e ligações a ponto de conectá-lo com os afetos relativos. Aos poucos o sujeito se recoloca frente à vida e ao desejo.

O trabalho psíquico de elaboração possibilita a transformação do conteúdo que se repete em conteúdo simbólico produzindo uma representação. Para que o traumático não congele e se cristalice como sintoma em busca de significação e não seja passado como herança psíquica – transgeracional – faz-se necessário criar oportunidade para que o mesmo circule em outro tempo e que dê lugar à fala. Assim, os fantasmas se dissipam.

É comum que o traumático se defina à posteriori, quer dizer, transformando-se em trauma quando ligado a outra cena. É um afeto de terror com efeito retardado. O traumático nesse caso necessita de nomeação, de tradução. O significado será construído na medida em que se instaure a fala considerando o tempo e o trauma. Os acontecimentos deixam inscrições de uma história sem sentido para a pessoa, e esta necessita de outra que ajude a ressignificar essa história.

Kehl (2004) acrescenta a questão da memória e sua relação com o ressentimento: questiona-se “que destino dar à memória?” Impossível apagá-la. A autora aponta para o coletivo como forma de re-simbolização para impedir que um trauma histórico produza ressentimento, fanatismo ou outras formas de abuso da memória (ao se referir na guerra entre o povo palestino e judeus israelenses, por exemplo).

O trabalho de simbolização precisa ser coletivo e requer presença de terceiros que tenham legitimidade de testemunho. Isso possibilita endereçar o ocorrido a uma entidade em posição de encarnar o outro. É o que faz com que as comunidades criem formas de celebrar, de lembrar, ou de fazer ver ao mundo não apenas os momentos fortes de sua história, mas também as atrocidades que sofreram. Não se trata de ficar repetindo o ocorrido, mas de inscrever no campo das representações as marcas coletivas do vivido. “É insuportável, tanto para as vítimas quanto para seus herdeiros, que uma violência traumática permaneça não nomeada, insignificante para o resto do mundo. São casos em que o esquecimento fere como uma segunda violência, mais duradoura do que a primeira” (KEHL, 2004, p. 232). É o caso das mães da praça de maio que não permitem que seus filhos e netos assassinados pela ditadura argentina permaneçam esquecidos.

Para abrir os arquivos da história e fazer circular a dor do trauma e as dúvidas, é preciso falar na escravidão. Encontrar certa liberdade psíquica frente aos fatos é trabalho que poderá ser realizado através das intersecções entre a literatura e a psicanálise, através do entendimento das produções inconscientes. Citando Judit Székács (1991 p. 16) quando refere:

O trauma, uma vez consumado, jamais poderá, não importa por que espécie de reconstrução, passar à condição de não acontecido. O trauma comum e o reencontro, ou seja, a reconstrução, resulta em novos sujeitos, que necessariamente diferem do “eu” daqueles que não passaram pelo trauma, ou pelo reestabelecimento.

No conto de Machado de Assis, Arminda fora torturada. A submissão da personagem à violência perverte a lei e a ordem de habitar a vida. Trata-se de uma realidade vivida por muitos que não tiveram testemunho e na qual se instalou no âmbito familiar o enigma do “não dito” – do silêncio imperioso imposto pelo terror das dúvidas e ameaças refletindo a presença da dor do irrepresentável.

O desamparo e o terror nas ameaças veladas que circulam fora do discurso oficial e que imprimem marcas de dupla mensagem confusional colidindo com o discurso do poder racionalmente protetor paralisam o sujeito do desejo. Lesam a estima, interrompem a criação e a circulação da vida, interferindo em ideais e projetos. Fazer e pensar implica em contato com o medo e a dor.

Os efeitos do traumático no psiquismo dos seres humanos que sobrevivem ou sobreviveram em silêncio à intensa dor psíquica decorrente de situações como a de Arminda perpassaram a realidade da história brasileira.

O desamparo devido à ausência de acolhimento das questões internas do sujeito pelo outro, também provindo da individualização demandada pela sociedade de consumo e pela fraqueza dos laços afetivos entre os indivíduos, registra psicopatologias oriundas deste esvaziamento (BIRMAN, 1999).

O desamparo é uma vivência dos estados de angústia que, para Freud, é um dos resultados possíveis de serem obtidos pela transformação da libido liberada com o recalque. Sendo assim, a angústia é o fruto do recalque, que, mais tarde, passou a considerar o ego como sede da angústia. A partir dessa concepção, considerou que, quando a pessoa se defronta com situações de perigo, libera intencionalmente a angústia sinal. O desamparo estaria ligado à falta de garantias do sujeito sobre seu existir e sobre seu futuro, sendo assim ele seria obrigado a uma renúncia pulsional como condição para viver na sociedade moderna. No entanto, o sujeito pós-moderno sofre mais em função da insegurança do que pela renúncia. Usufri de maior liberdade para gozar seus desejos; porém, encontra-se desorientado sem referenciais sólidos.

As causas do desamparo atual, situadas entre vários fatores como a queda de Deus, o avanço tecnológico e científico e a fragilização da Lei, bem como a perda das referências estáveis do final do século XIX e a crescente liberdade nas escolhas, contrapuseram-se à antiga coesão entre as representações coletivas da Lei Paterna e as respostas dos sujeitos. Desse modo, o sujeito sozinho deve dar conta de sua fantasia de construir os desígnios do outro. Salienta-se que vivemos em uma época em que o consumo é o organizador do laço social e doador de sentido para a vida, o que caracteriza a perda da alteridade neste período (KEHL, 2009).

O que tem ocorrido de marcante nesse mal-estar contemporâneo é marca reluzente da violência, pois ela se comprova com uma passagem ao ato e traz da subjetividade o sofrimento como uma descarga psicossomática sem nenhuma potencialidade para a simbolização. A falta de simbolização acarreta em descarga, através do corpo ou dos atos, incluindo a violência.

Por isso as compulsões são formas tumultuadas de ação, pois a subjetividade prende o sujeito dentro de suas impossibilidades de ações, deixando-o em um estado paralisado, devido às suas incertezas sobre si. Isso se origina numa forma desesperada pela busca de si mesmo. Diante de um conjunto de signos “centrados no corpo e na ação”, o mal-estar não surge como um sofrimento, mas como uma dor. “[...], a subjetividade atual não consegue mais transformar dor em sofrimento, estando aqui a sua marca diferencial e inconfundível” (BIRMAN, 2003, p. 5).

A repetição como algo que retorna e aliena inconscientemente impede de fazer circular a palavra e a inscrição de significados à dor humana, tanto no passado quanto na atualidade. O desamparo é assunto de todos os tempos. Diz Machado de Assis ao referir-se ao filho de Cândido que estava para nascer: “Foi a última semana do derradeiro mês que a tia Mônica deu ao casal o conselho de levar a criança que nascesse à roda dos enjeitados. [...] Enjeitar quê?” (p. 663-664).

Considerações Finais

Os enlaces do conto Pai contra Mãe em relação ao tema do mortífero e da violência possibilitam pensar que as intersecções entre a literatura e a psicanálise iniciaram com Freud e testemunham um valor inesgotável. As obras literárias, por tornarem-se documentos históricos para a humanidade, revelam aspectos subjetivos através de dois planos de leitura: um latente e um manifesto. Assim, torna-se perfeitamente possível investigar aspectos do inconsciente perpassados nas entrelinhas do texto. Seguindo esse raciocínio, toda a obra artística literária aloja uma estrutura de metáfora, diz o que diz e diz outra coisa. É nesta “outra coisa” que se aloja o prazer da leitura, de acordo com Barthes (2000).

Machado de Assis, no conto Pai contra Mãe, retrata a realidade histórica cultural do Brasil na época da escravidão. Paralelo a isso, é possível pensar teoricamente nas correlações entre os aspectos destrutivos presentes na estrutura do país e os enlaces com a violência exercida aos seres humanos escravizados e subjugados.

Observa-se uma correlação na presença do desamparo decorrente das falhas nas representações psíquicas da sociedade contemporânea com as ameaças do passado no que diz respeito às torturas e angústia de aniquilamento.

O modelo psicanalítico permite construir certa legibilidade, mas de fachada, uma vez que o conteúdo se esconde atrás de uma rede cujas malhas fantasiosas são complexas para analisar. As obras literárias permitem o pensamento crítico e reverberam, no texto, traumas do passado. Colocar em palavras os fatos não ditos, de cunho tanático da história colocam em cena momentos que permitem ligar o desligado. Fazer circular a dor de Arminda e o carrasco Cândido Neves, representante social do momento, revelam a complexa arquitetura da obra literária e seus enlaces com a realidade.

Referências

ASSIS, J. M. M. de. *Relíquias da Casa Velha – Pai contra mãe. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5 ed. São Paulo, Perspectiva, 2000.

BIRMAN, Joel. A dádiva e o outro: sobre o conceito de desamparo no discurso Freudiano. *Physis: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, 9 (2): 09-30, 1999.

BIRMAN, Joel. Dor e sofrimento num mundo sem mediação. In: *Estados Gerais da Psicanálise: II Encontro Mundial*, Rio de Janeiro, 2003.

CONTE, Bárbara de Souza. *Prazer e dor – O masoquismo e a sexualidade*. Porto Alegre: Criação Humana, 2002.

CONTE, Bárbara de Souza. O uso de um espelho como estratégia pictórica. Uma anamorfose no campo de visão para a inclusão do espectador no campo da representação. In: *Sig revista de psicanálise*, vol. 1, nº 3, 2013.

FREUD, Sigmund. *El yo y el ello. Obras Completas*. Buenos Aires, Amorrortu, vol.19, (1923,1992).

FREUD, S. *Pulsiones y destinos de pulsión*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, vol.14. (1915, 1992).

FREUD, Sigmund. *Más allá del principio del placer*. Obras Completas. Buenos Aires: Amorrortu, (1920, 1990).

KEHL, Maria Rita. *Ressentimento*. Casa do psicólogo – São Paulo, 2004.

KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Ed. Boitempo, 2009.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Dicionário de psicanálisis*. 10 ed. Barcelona: editorial Labor, 1992.

SZÉKÁCS, Judit. Estratégias de sobrevivência do ponto de vista psicanalítico. *Percurso revista de psicanálise*, N° 7 - 2/1991.